

PAULISTÃO



ALL STAR

Em nylon "double-soft",
super arejado, super leve e super flexível.



MONTREAL
sucesso mundial, agora no Brasil..


PAULISTÃO

São Paulo — Ano I — Nº 4 — 1977

Publicação do São Paulo Futebol Clube
Certificado de Autorização nº 01/315-A
Secretaria da Receita Federal
Processo do Ministério da Fazenda
número 0168.05.101/76
Diretor Responsável

Sérgio Carvalho

Produção Gráfica

Editora Imparcial

 Rua Senador Feijó - 161 - 2º e 6º andares - SP
 fones: 37-2669 36-4909 37-3728

Redação

Praça Roberto Gomes Pedrosa - 8 - Morumbi - SP


PRESENÇA
BRASILEIRA EM
TODOS OS ESPORTES

Editorial

São Paulo a todo vapor

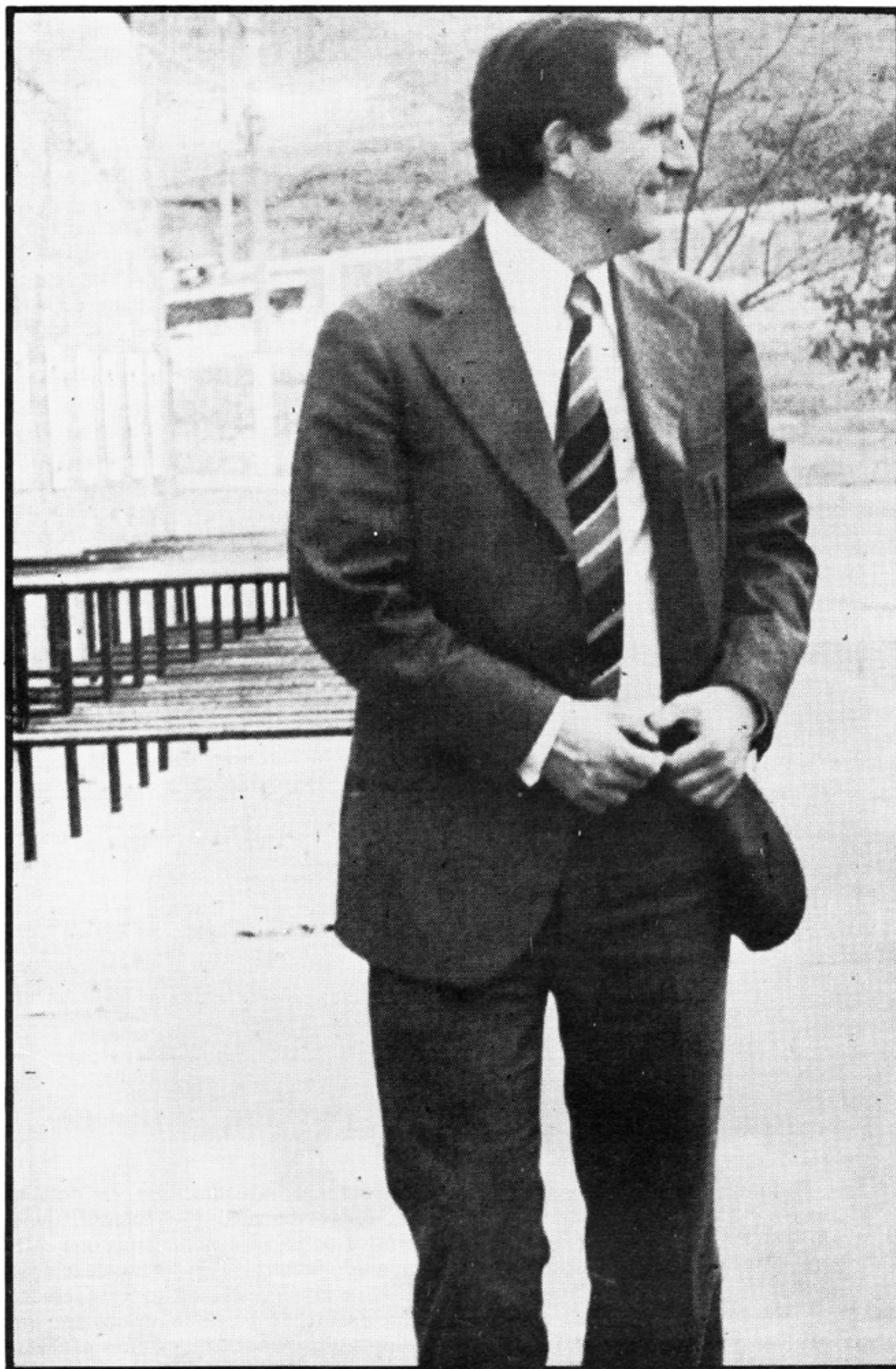
Poucos clubes no Brasil vem crescendo mais que o São Paulo. A atual diretoria, apesar das críticas da oposição, muito tem feito para aumentar o conforto e as opções para os associados tricolores, que freqüentam com assiduidade a sede social instalada ao lado do estádio Cícero Pompeu de Toledo. E muita coisa ainda está programada para ser construída e acrescentada àquele patrimônio, que vai transformando o São Paulo, num dos clubes mais bem dotados do país, em todos os seus setores.

Através do trabalho inteligência e dinâmico do presidente Henri Aidar, e da colaboração direta de todos os seus diretores e assessores, o tricolor vai superando os obstáculos, e conseguindo concretizar todos os seus velhos sonhos, acalentados durante anos pela família são paulina, e que estão sendo transformados em alegre realidade. Foi inclusive aberta uma campanha de títulos patrimoniais, que aumentará a receita do clube, que assim poderá alcançar mais rapidamente seus objetivos. Uma chance para que são paulinos de todo o Estado, e mais particularmente da capital, se filiem ao seu clube de coração, e aproveitem para além de colaborar com o seu crescimento, possam usufruir do enorme parque que ele oferece a todos os seus associados. Não perca tempo. Afinal não é sempre que aparecem boas oportunidades como esta.

A reportagem do mês

DALLORA:

diretor ao nível do clube



Do amador ao
profissional,
sempre
a mesma
dedicação

Comedido em suas atitudes, atos e decisões, José Douglas Dallora, vem respondendo com sucesso pelo Departamento de Futebol, do São Paulo desde 1972. Há, portanto, cinco anos que ele responde pelo espinhoso cargo. E, convenhamos, não é qualquer um que pode fazê-lo. Dallora, entretanto, mantém-se firme, o que serve para dignificá-lo, como um profundo conhecedor do posto, sendo por isso mesmo, merecedor de elogios por parte da coletividade tricolor.

Mineiro, ele é procedente de Guaxupé, chegou a São Paulo, em 1952, com a finalidade de cursar a Faculdade de Odontologia. Mas, como bom esportista logo se aproximou do São Paulo, aprendendo a admirar as coisas tricolores. À princípio apenas como torcedor passou a acompanhar o time de futebol, empolgando-se com a conquista do título de campeão paulista em 1953. Ingressou então no seu corpo-associativo, e acompanhou o time em todos seus jogos até vê-lo novamente campeão em 1957.

Quando o São Paulo deixou o Canindé e passou ao Morumbi, inaugurando sua parte social, Dallora, foi convidado para entrar na Diretoria. Inicialmente só para colaborar nas promoções internas, dirigindo o campeonato dos associados. Depois passou — em 64 até 68 — ao cargo de diretor Social.

Nesse cargo obteve êxito. Sua paixão no entanto foi sempre o futebol. Em 1968 à convite do então diretor de futebol Cláudio Aida, José Dallora passou a colaborar no Departamento Profissional, na condição de diretor-adjunto.

Com a nomeação de Cesar Dias para dirigir o futebol profissional, José Dallora voltou ao futebol amador, lá permanecendo até 1972, quando à convite do presidente Henri Aida, assumiu o posto em caráter definitivo e onde está até hoje, num verdadeiro recorde, já que bem poucos dirigentes conseguem ficar tanto tempo, e sempre com sucesso, no exercício do cargo.

— Nesse tempo todo, quase cinco anos e meio — diz Dallora — procurei dar o máximo de mim para que o futebol do São Paulo tivesse o êxito total e navegasse em águas tranquilas, o que acredito, tenha conseguido.

Quantos títulos você conseguiu?

— Título de campeão, só o de 1975, quando sob o comando técnico de José Poy, fizemos uma campanha excepcional e chegamos a ficar 46 partidas sem derro-

A reportagem do mês

tas, a maior de toda história do São Paulo, e do futebol paulista.

— Em 1973, entretanto, fomos vice-campeões do Brasil. No ano seguinte, com a saída do técnico Telê Santana e o retorno de José Poy, fizemos uma reformulação no elenco. Contratamos Mirandinha, Waldir Perez, Chicão e fomos novamente vice-campeões do Brasil, ganhando o direito de disputar a “Libertadores da América” e chegando ao título de vice-campeões sul-americanos. Finalmente, em 1975, conquistamos o título de campeões paulistas.

Professor da Faculdade

Como todos nós, José Dallora, tem sua vida particular. Fora do futebol, ele é um ótimo dentista, e também professor na Cadeira de Estologia da Faculdade de Medicina, na de Bio-Médica e de Odontologia e é proprietário de uma indústria.

Com todas essas outras atividades como é que você consegue conciliar as coisas, e também responder pelo futebol do São Paulo?

— Na verdade não estou exercendo a atividade de dentista já há cinco ou seis anos, porque no Governo de Laudo Natel, estive no Palácio exercendo as atividades de assessor técnico, estou apenas lecionando e trabalhando na nossa indústria, juntamente com alguns amigos que são os meus sócios.

E, o futebol não prejudica suas atividades?

— É claro que prejudica, pois tenho dado mais tempo ao clube, do que aos afazeres particulares. Mas, já assumi a responsabilidade de ser diretor de futebol profissional de um clube do gabarito do São Paulo, a gente tem que dar o tempo necessário, porque precisamos estar sempre à frente dos acontecimentos, oferecendo uma cobertura a toda equipe técnica e aos jogadores. Felizmente, temos ótimos assessores, como por exemplo o Luiz Godoy, Wille Jacone, Jorge Sugaibe e o Francisco Vidigal, no Departamento de Futebol Amador.

— Com esses elementos e mais a colaboração direta que recebo do presidente Henri Aïdar, que está sempre comigo, dando apoio total, e da diretoria e do Conselho Deliberativo, facilita tremendamente a função do diretor deste departamento.

Futebol está evoluindo

Analisando o futebol brasileiro em seus mais diversos aspectos, José Douglas Dallora, acha que de uma maneira geral ele vem progredindo gradativamente de ano para ano.

— Temos que encarar o problema por



Sua maior
emoção:
a
volta
de
Mirandinha

partes. O futebol paulista, por exemplo teve uma ascensão extraordinária neste ano, em comparação com o do ano passado, que foi um ano bastante difícil e ruim. O Campeonato foi super-deficitário, mal dirigido, mal equacionado. Este ano, porém, com a presidência do sr. Alfredo Metidieri e sua equipe técnica, a Federação Paulista de Futebol conseguiu organizar um campeonato com grandes arrecadações, passando de 40 e poucos para 130 milhões de cruzeiros.

— Com isso, o nível do futebol de São

Paulo subiu acentuadamente, em comparação com os demais centros futebolísticos. Inclusive os jogadores paulistas que estavam sendo preteridos em termos de seleção brasileira, hoje já estão sendo considerados praticamente titulares, e vamos ter um índice muito maior de jogadores paulistas convocados para a seleção brasileira que vai à Argentina, em função do grande campeonato paulista que tivemos neste ano.

— O futebol brasileiro em si, através do Campeonato Nacional está igualmente

A reportagem do mês

surpreendendo, porque temos tido boas arrecadações. O São Paulo contratou, reforçou o seu elenco e a torcida nos tem prestigiado. Aliás por este aspecto nada temos a reclamar, porque temos tido rendas excelentes no Pacaembu e fora de São Paulo.

O que você acha mais vantajoso para o São Paulo: disputar o campeonato paulista ou a Copa Brasil?

Dentro do esquema deste ano, o campeonato paulista foi excelente. Então, acho que é bem melhor disputar o Paulista que o Nacional, onde somente ganham dinheiro as equipes que ficam para as finais. Os quatro que disputam o título. Esses sim, irão ganhar muito dinheiro, porque disputarão jogos importantes e decisivos, onde as arrecadações serão altíssimas. Para os demais, os ganhos no máximo dão condições para a manutenção dos seus elencos. Mais nada. Mas, é claro que, muitos deles vão ter grandes prejuízos, como foi o caso do São Paulo no ano passado, que desclassificado, teve que disputar um torneio em São Luiz do Maranhão. Por isso acho que de um modo geral o campeonato Paulista é mais rentável do que o Nacional.

No S. Paulo não há pressão

Geralmente o cargo que mais sofre pressões, sobretudo, quando o time não vai bem, é o de diretor de Futebol Profissional. No São Paulo, entretanto, isso não

acontece, segundo José Dallora.

— Pelo menos no meu caso isso não tem acontecido. Já estou há cinco anos e meio no posto, e até agora, apesar de já ter tido momentos difíceis, as pressões não foram assim tão fortes. Elas existem, por parte da imprensa e da torcida, mas não de parte da diretoria, ou do Conselho deliberativo. Eu já passei por algumas crises técnicas no Departamento de Futebol, e sempre tive o apoio irrestrito de todos os elementos da Diretoria e do Conselho, e saímos delas, justamente, por contarmos com esse apoio dos elementos que integram a nossa direção e o Conselho.

— Mas, como uma grande equipe vive em função de resultados, é lógico que a imprensa e a torcida fazem pressões. Aliás a função da imprensa e da própria torcida é a de fiscalizar nosso trabalho.

Agora, por exemplo, dizem que o São Paulo contratou mal. Você está de acordo?

— Isso só o tempo poderá provar. Contratação é uma faca de dois gumes. Às vezes se contrata um jogador muito bom na equipe de origem, e que não apresenta a mesma coisa na equipe que o adquiriu. Mas, o tempo vem mostrando no São Paulo que fizemos boas aquisições, porque temos conseguido bons resultados, e subido de produção, mesmo sem que o treinador, no caso Minelli, tivesse tido tempo hábil para montar a equipe ideal. Inclusive, Dario Pereira chegou só para os dois últimos jogos. Temos que dar tempo ao tempo. Os resultados tem sido bons

e o rendimento da equipe tende a subir extraordinariamente.

O São Paulo ainda pensa em contratar mais reforços para 78?

— Esse problema está mais ligado ao treinador Rubens Minelli. Se ele julgar necessário, através de melhores observações do elenco que ele tem no momento, é claro que o São Paulo irá contratar, porque tem condições de investir um pouco mais, para formar um time que corresponda às exigências da torcida.

Recuperação de Mirandinha a maior emoção de Dallora

Nos seus cinco anos e meio, como responsável pelo futebol do São Paulo, José Dallora teve muitas emoções, como ganhar o título de campeão em 1975 e as grandes vitórias conseguidas pela equipe. Mas, a que mais lhe deu alegrias foi a recuperação e a volta ao futebol do centro-avante Mirandinha.

— Eu estava no dia 24 de novembro de 1974, na cidade de São José do Rio Preto, e assisti o momento em que Mirandinha fraturou a perna. Acompanhei o jogador no dia a dia do seu sofrimento durante os três anos, e fiquei emocionado quando o vi voltar ao futebol na cidade de Lins.

— Ele fez um gol espetacular que me emocionou. Quando sair do Departamento de Futebol, em março próximo, o farei satisfeitiíssimo, por ter podido de uma ou de outra forma, colaborado para que Mirandinha e também o Osmar pudessem ter voltado a jogar futebol.



GARANTIA DE QUALIDADE

C. RAYES, CIA. LTDA-R. BOM PASTOR 2826/34 SÃO PAULO-FONE, 2745411

O nosso ídolo

ZEQUINHA, a dica do Mané

“O ponta direita que melhor assimilou minha forma de jogar, foi Zequinha, atualmente no São Paulo.”

Esta frase foi dita por Mané Garrincha, num programa de televisão, e muita gente não concordou com a opinião daquele que foi o maior de todos os pontas do futebol mundial. Mas ele reforçou:

“Seu drible fácil, sua gingada, sua facilidade no cruzamento, lembram muito o que eu fazia nos bons tempos de Botafogo e seleção. Inclusive, num papo com o Zequinha, ele me confessou: olha, Mané. Eu copiei muita coisa sua.”

Na opinião de Garrincha, foram os técnicos os grandes culpados pela decadência do futebol de Zequinha. Mas faz uma previsão:

“Nas mãos de Minelli voltará a jogar seu grande futebol e ainda poderá ser útil até a seleção brasileira. O mal do Zequinha é que no Botafogo começaram a querer fazê-lo jogar como o Zagalo. E no Grêmio também queriam que ele recuasse. O resultado foi a deformação de seu estilo, e hoje ele nem é ofensivo nem é defensivo. Ficou no meio termo. Com a nova chance que o São Paulo lhe está dando, e como sei que o Minelli é um técnico que gosta de pontas ofensivas, acredito realmente que o Zequinha, se for prestigiado, ainda dará grandes alegrias à torcida são-paulina.”

Um velho amigo

Quando Zequinha soube disso, sorriu. Afinal, do velho amigo Mané, só poderia mesmo esperar um incentivo daqueles.

“O Mané é assim mesmo. Quando é amigo, é para valer. Ele me conheceu nos times inferiores do Botafogo, e realmente copiei muita coisa dele. Quando comparecia mais cedo à General Severiano, acompanhava com interesse os treinos, e me incentivava muito. Devo muito à ele.”

Zequinha teve uma fase importante em sua carreira: foi quando, convocado para a seleção do Brasil, jogou no Morumbi ao lado de Pelé, e realizou grandes jogadas que fizeram a torcida lembrar o velho Mané. De repente, ele baixou de produção, caiu de rendimento, e perdeu o lugar no time titular.

“São fases da vida. Eu lutei muito para chegar à seleção, mas não dei sorte. Além da má fase técnica, tive também algumas contusões. Além disso, o Mané tem razão. Desfiguraram meu futebol, que sempre



Seleção
continua
a ser
um sonho

O nosso ídolo

foi agressivo e objetivo. Comecei a recuar para ajudar os zagueiros ou para buscar jogo, e perdi parte de minha agressividade. No Grêmio, quando o Bota me negociou, fui disposto a vencer. Mas não encontrei o ambiente ideal. Fizemos um campeonato razoável, mas perdemos o título para o Inter, e aí acabei sendo apontado como um dos culpados. Fui para a reserva, e já não tinha grandes esperanças de voltar a titular, quando surgiu a notícia de que o São Paulo estava disposto a me contratar. Fiquei feliz da vida, pois afinal iria para um grande centro futebolístico, e poderia provar que não havia acabado para o futebol."

Tudo concretizado

As negociações demoraram um pouco. Houve um desacerto financeiro, pois Zequinha ganhava muito bem no Grêmio. Mas, sua vontade era tanta de se transferir para São Paulo, e de deixar o futebol do sul, que ele acabou fazendo um acordo com o dirigente tricolor que foi buscá-lo:

"No sul além de reserva não me adaptava ao clima. O frio lá é violento. Em São Paulo também não é moleza, mas no conforto com o frio que faz no sul, é fácil suportar o clima daqui. E quando surgiu

o São Paulo, disposto a me trazer, forcei a barra e dei um jeito de me transferir. Graças a Deus, deu tudo certo".

No São Paulo Zequinha ainda não teve o seu dia de glória. A torcida espera ansiosa uma grande exibição do ponta, para que ele se firme de vez como titular da sete tricolor. E se isso não foi possível no ano que agora vai chegando ao fim, será uma realidade em 78, segundo a promessa do próprio jogador:

"Não tenham dúvida. Eu vou vingar com a sete tricolor em 78. Estou bem adaptado ao esquema do Minelli, e além disso o próprio time está subindo de produção. Quando é assim todos passam a produzir mais. Acho que na final da Copa Brasil, mostrarei o meu verdadeiro futebol. Aí poderei assinar um contrato definitivo, e o São Paulo, tenho certeza, comprará meu passe."

Um ano de copa

Setenta e oito será um ano de Copa do Mundo. E o jogador que se destacar, fatalmente será chamado a integrar o time brasileiro que tentará recuperar o título que perdemos na Alemanha em 74:

"Não posso dizer que não sonho em jogar na Argentina. É um sonho de todo

jogador que confia um pouco em suas possibilidades. Estou num grande time, tenho toda a retaguarda para evoluir, e o time está num crescimento que deverá chegar ao climax no ano que vem. Acho que se o São Paulo chegar entre os quatro finalistas, e eu produzir bem, serei chamado, mesmo porque, faltam pontas direitas no Brasil."

Zequinha tem algumas jogadas combinadas com Getúlio, um lateral em nível de seleção, e que gosta de avançar. O ponta dá a ginga na frente do adversário, e o lateral avança em diagonal pronto para receber a bola. O passe sai na medida, Getúlio fica na frente do goleiro, e arre-mata de primeira para não dar chance ao adversário. Vários já foram os gols marcados desta forma pelo São Paulo este ano, e muitos outros por certo levarão o tricolor a novas vitórias no ano que vem. E quem sabe, esta dupla não poderá estar na seleção de Coutinho a partir de março:

"É um desafio que nós vamos encarar. Não custa nada. Ele já esteve lá como eu. Bastará que ambos venham a produzir um futebol de alto nível e fatalmente seremos chamados. É o que esperamos".

Um estudioso

Para quem não sabe, Zequinha aprovei-

CARTONAGEM



Flôr de Maio
S.A.



IMPRESSÃO EM OFFSET

"Uma embalagem exata para cada produto"



EMBALAGEM IMPRESSA EM MICRO-ONDULADO

Rua Protocolo, 456 - Fone 274-6044 - PBX - SÃO JOÃO CLÍMACO - CEP 04254 - Caixa Postal, 42.636

Endereço Telegráfico "FLORMAIO" - São Paulo

O nosso ídolo

ta momentos de folga, para boas leituras, e para aprimorar seu intelecto. Já escreveu até um livro, onde conta passagens curiosas de sua carreira, especialmente aquela que se refere à convivência com os grandes craques do Botafogo carioca, na década de sessenta, quando o time de General Severiano, era o maior rival do Santos no futebol brasileiro:

"Na época lá estavam Jairzinho, o Mané, e outros cobrões. Era um time prá ninguém botar defeito. Um dia fui convidado a relatar as passagens curiosas que vivi naquele clube, e resolvi encarar. O livro foi bem aceito e vendeu dezenas de exemplares. Talvez eu repita a dose no futuro, contando outras passagens que tenho anotadas, e que por certo, irão divertir os torcedores que apreciam este tipo de leitura".

Para terminar, ele fala sobre o São Paulo, um clube que conhecia de fora, e que o impressionou bastante quando passou a conhecê-lo por dentro:

"Olha gente. Falam do Internacional. Na verdade é um time altamente organizado. Mas o São Paulo não deve nada ao clube do sul. Aqui a gente recebe todo o apoio que precisa para render o máximo. Há calor humano. O ambiente é excepcional entre os atletas, e quando necessitamos, temos diálogo direto com os diretores. E agora, com o esquadrão que temos, só podemos faturar muitos títulos. E é o que espero que ocorra a partir de 78. Esperem e verão".



Zequinha,
uma indicação
do velho
Mané



Em
setenta e oito
ele
garante:
vai
explodir
com a
sete

Qualidade e diversidade em acessórios de metal.

ULTIMA NOVIDADE
BOTÃO GANCHO PATENTEADO



18 mm FAB 258
12 mm FAB 293

CANTONEIRAS



4012



ESQUERDA
4022

DIREITA
4021



FC 119



BOTÃO
PEROLA



FIVELA P/ COLETE
FAB 294

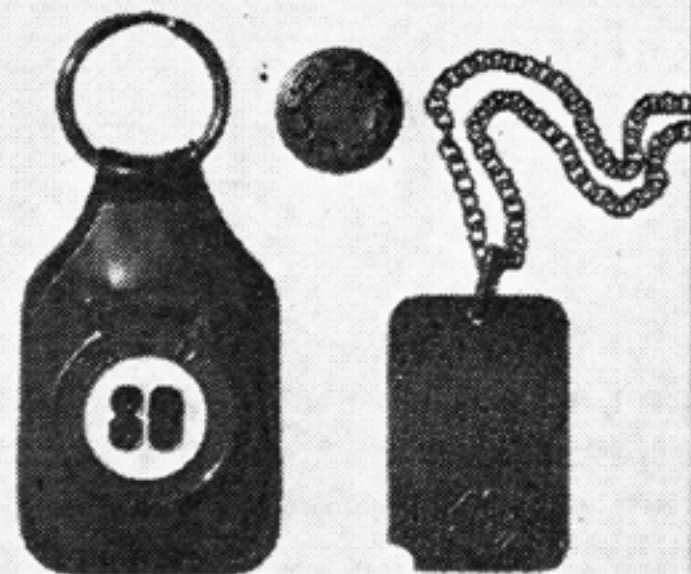
CHAVEIROS DES-TAK

MARCA REGISTRADA

ARGOLAS P/ CARRO, ESCRITÓRIO, RESIDÊNCIA, ETC.



BRINDES PROMOCIONAIS
DIVERSAS CORES E DESENHOS



OLISONI
IND. E COMÉRCIO LTDA.

FÁBRICA 1 - EVENDAS:
Rua Morato Coelho, 790 - Tel. 210-5680
FÁBRICA 2:
Santana do Parnaíba - Est. de São Paulo

REPRESENTANTES:

MARCOS DE OLIVEIRA XARA - Fone: 288-9399
Av. 28 de Setembro, 258 - Loja 15 - Rio de Janeiro, RJ
JOSE AGOSTINHO DE NOGUEIRA - Fone: 22-4749
Rua Evangelista de Lima, 1190 - Franca - São Paulo
ALCIONE GRIMALDI DOS SANTOS - Fone: 31-3579 - Rua Maria
José Bins, 1337 - Chacara das Pedras - Porto Alegre, RS
EGON ERN - Fone: 22-1579
Rua 15 de Novembro, 550 - Sala 205 - Blumenau, SC
JOSE EDMILSON DA SILVA - Fone: 24-6333
Rua da Carioca, 72 - Sala 615 - Recife, PE
JOAQUIM ALBERTO DA SILVA - Fone: 23-8230
Rua Amante Barroso, 180 - Apto. 42 - Curitiba, PR
FERNANDO DIAS DOS SANTOS - Fone: 222-9986
Rua Almir Parnaíba, 449 - Belo Horizonte, MG

Esportes à motor

TRONCON

uma fera das pistas

Com títulos de bicampeão paulista e brasileiro de motociclismo, com excelente passagem por provas de carros Esporte, e um título de Campeão Brasileiro de Fórmula Super— VÊ — 1974, além do destaque em quase todas as corridas em que participa, Marcos Troncon, paulista e vinte e oito anos, é responsável por uma das mais rápidas carreiras do automobilismo brasileiro. Com apenas quinze anos iniciou-se no motociclismo. Já na primeira temporada foi vice-campeão paulista, pilotando uma moto de 75 cm³ de cilindrada. Ao completar dezoito anos e passando a enfrentar corridas realmente velozes, foi vice-campeão paulista e, com mais dois anos de atividades, tornou-se bicampeão paulista e brasileiro.

Na verdade, Marcos Troncon parece ser um esportista predestinado a vencer e, com simplicidade, aplica o termo "sorte", a todos que procuram uma detalhada explicação para seu sucesso. Porém, os que o conhecem que a sorte teve função meramente complementar, em sua carreira. Além de excelente piloto, procura introduzir os melhores equipamentos em seus carros e encara o automobilismo como trabalho sério, rigorosamente profissional. Decidido a progredir ainda mais no automobilismo brasileiro, Marcos Troncon optou por correr somente com veículos monopostos, como a Fórmula Ford-Corcel, categoria que disputou em 1965, e à qual retornou neste final de temporada, com muitos planos para o próximo ano. Sua intenção é, após entrar em contato com Van Diemen, na Inglaterra, construir esse carro aqui no Brasil, aproveitando o atual estágio de desenvolvimento da Fórmula Ford, a mais disputada e equilibrada do País. Marcos Troncon não se deixa envolver totalmente pelas emoções do esporte. É claro que aprecia a velocidade dos automóveis, e das motocicletas, assim como se diverte em esqui aquático e passa momentos mais tranquilos com música de todos os gêneros. Porém, formado em Administração de empresas, exerce funções junto com seu pai, ajudando a família em suas atividades profissionais.



Troncon, um dos grandes pilotos brasileiros

Curiosidades da Copa

SER ARTILHEIRO

Você sabia? Até hoje, nenhum do Mundo teve a sorte de ver o seu

Embora o título de goleador da Copa do Mundo seja uma alta honraria para um jogador, ele tem sido em quarenta e oito anos da competição uma glória maldita, pois jamais o artilheiro conseguiu o título mundial, às vezes nem chegando a disputar a partida final.

Apenas uma vez esta escrita esteve para ser quebrada, mas o brasileiro Garrincha teve que se contentar em ser apenas um do bolo de cinco jogadores que terminaram o Mundial do Chile empatados, não havendo um artilheiro destacado. Neste ano, Garrincha marcou quatro gols e terminou empatado com o chileno Leonel Sanchez, o so-

viético Ivanov, o húngaro Albert e o iugoslavo Jerkovic.

Nos outros mundiais, quando houve sempre um grande artilheiro, seus gols não foram suficientes para dar ao seu time a glória máxima. Esta escrita começou com a primeira Copa, quando o argentino Guillermo Stabile marcou oito gols, mas nem por isso pôde evitar que os donos da casa, a Celeste Olímpica, repetisse o feito que conseguira nos dois Campeonatos Olímpicos anteriores. No time uruguaio, o principal goleador foi Cea, que ficou apenas com cinco gols.

Quatro anos depois, em 1934, na Itália, Schiavo parecia dominar inteiramente a luta dos principais artilheiros, mas acabou sendo superado pelo tcheco Nejedly, que conseguiu marcar cinco gols, enquanto o italiano marcou apenas três. A Itália ficou com o título mundial e a Tchecoslováquia teve que se contentar com o vice.

Em 1938, na França, pela primeira vez um brasileiro inscreveu seu nome na galeria dos artilheiros máximos da Copa. Leônidas da Silva, o homem de borracha, marcou sete gols, mas o Brasil ficou nas semifinais, derrotado pela Itália, por 2 a 1, no discutido jogo em que um penalti de Domingos da Guia em Piola, liquidou as nossas chances. O viceartilheiro foi o húngaro Szentgyörgyi, enquanto o catimbeiro Piola, campeão mundial, ficava em terceiro com cinco gols, um a menos que o húngaro.

Em 50, no Brasil, novamente um brasileiro conseguiu a liderança dos goleadores, mas ainda desta vez esta glória foi extremamente amarga, especialmente porque o Brasil perdeu um título que todos já consideravam ganho. Ademir Menezes marcou oito gols, seguido dos uruguaios Gighia e Schiafino, respectivamente com cinco e quatro gols.

Em 54, o tabu parecia destinado a cair, mas foi mantido, afinal com a conquista da Alemanha, uma surpresa tão grande quanto a de 50, pois os húngaros eram considerados quase imbatíveis e tinham o título praticamente



Pelé, campeão três vezes, nunca foi artilheiro da Copa

ARTILH

1930 – Stabile da Argentina	8 gols
1934 – Nejedly da Tchecoslováquia	5 gols
1938 – Leônidas do Brasil	7 gols
1950 – Ademir do Brasil	8 gols
1954 – Kocsis da Hungria	11 gols
1958 – Fontaine da França	13 gols

O, OU CAMPEÃO?

um dos artilheiros da Copa

time campeão. Quem quer fazer gols?

assegurado. Mas o feito de Kocsis, que estabelecia um novo recorde de gols na Copa — 11 — não foi suficiente para conquistar o título, e na partida final, os alemães venceram por 3 a 2, assombrando o mundo. Morlock, o maior goleador alemão, ficou com apenas seis gols.

O recorde de Kocsis, que parecia muito difícil de ultrapassar, resisituiu apenas o espaço de tempo entre o mundial da Suíça e o da Suécia, pois em 58, o francês Just Fontaine marcou treze gols. No entanto, sua façanha não impediu que o Brasil, de Pelé, Didi, Zito e Cia, conquistasse o título, dando também provas de alto poder ofensivo, pois chegou a campeão com duas goleadas nas últimas partidas: 5 a 2 contra a França e Suécia. Pelé, que entrou no time apenas contra a União Soviética acabou vice-artilheiro com cinco gols, ao lado de Vavá.

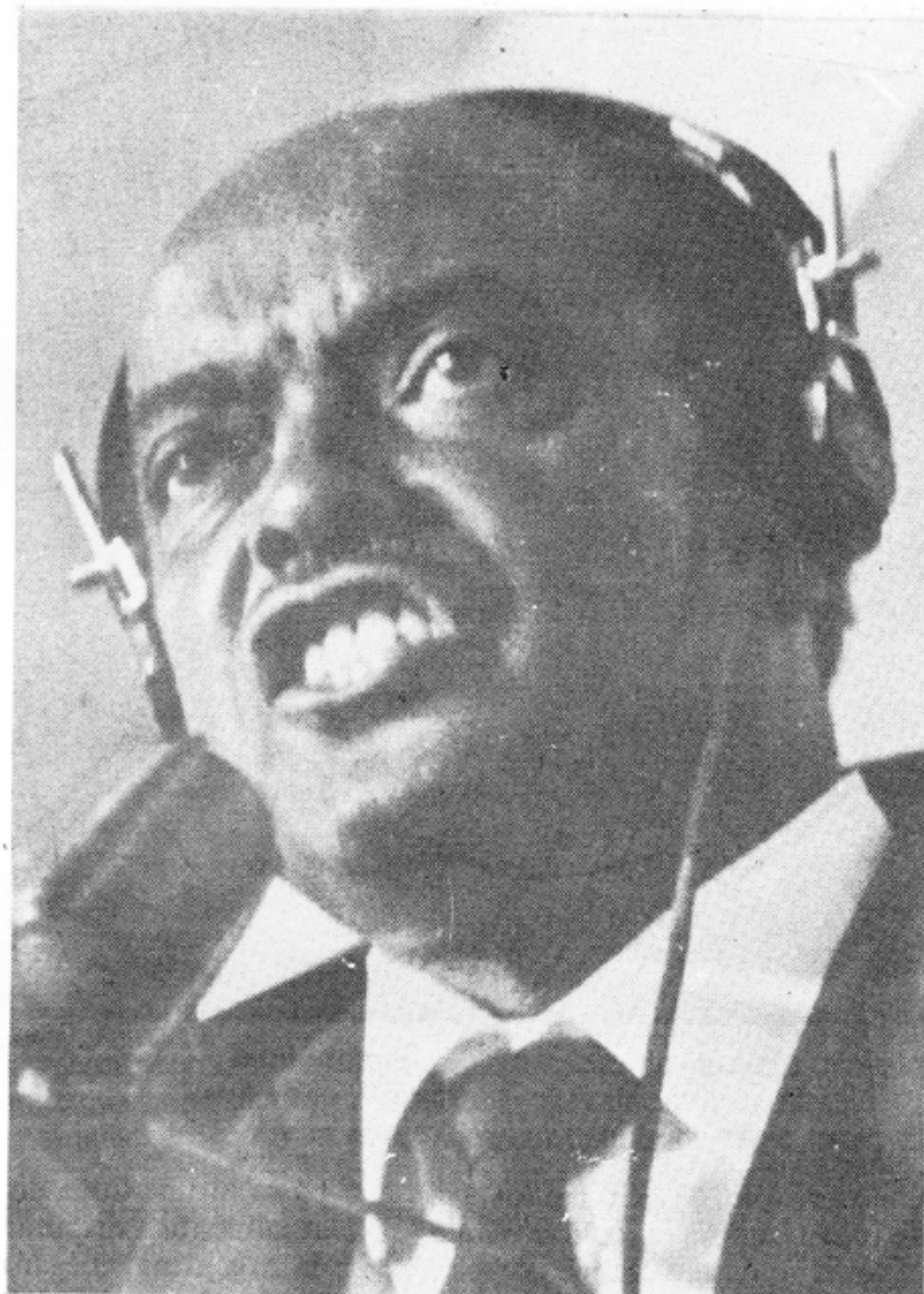
Em 66, Eusébio, com nove gols, foi o maior artilheiro, mas Portugal teve que se contentar com o terceiro lugar, derrotado pela Inglaterra, numa partida da qual até hoje os lusos reclamam e com razão, da péssima arbitragem. O vice-artilheiro foi o alemão Helmut Haller, mas ele também ficou sem o título, que acabou em mãos inglesas. Geoffrey Hurst, o tanque do English Team, campeão mundial, ficou no terceiro lugar, ao lado de Beckenbauer, o soviético Parkujan e o húngaro Bene, todos com apenas quatro gols.

Em 70, no México, Muller, o alemão, desde cedo destacou-se como o grande artilheiro, apesar da eficiência de Jairzinho. Mas novamente o tabu foi cumprido: Muller teve a liderança da artilharia com 11 gols, e restou para o Furacão a glória ainda maior de ajudar o Brasil a ser tricampeão mundial e faturar definitivamente a Taça Jules Rimet.

Na Alemanha a mística voltou a prevalecer. Lato, extraordinário atacante da Polônia, um dos melhores times da Copa 74, destacou-se com sete gols, mas seu time teve de contentar-se apenas com o terceiro lugar, depois de

uma vitória merecida sobre o Brasil. O time campeão foi o alemão, e o vice o holandês.

Agora, na Argentina, dentro de mais alguns meses, estarão novamente em ação grandes artilheiros do futebol mundial, inclusive Lato e Neeskens que brigaram pela liderança dos artilheiros da Copa 74. O objetivo de todos é certamente o título e a honra de ser o maior artilheiro da competição. Muitos talvez nem sequer tenham atentado para o fato de que a Copa reserva uma indesejável opção aos goleadores: ser o artilheiro ou o campeão.



Leonidas,
artilheiro
de 38

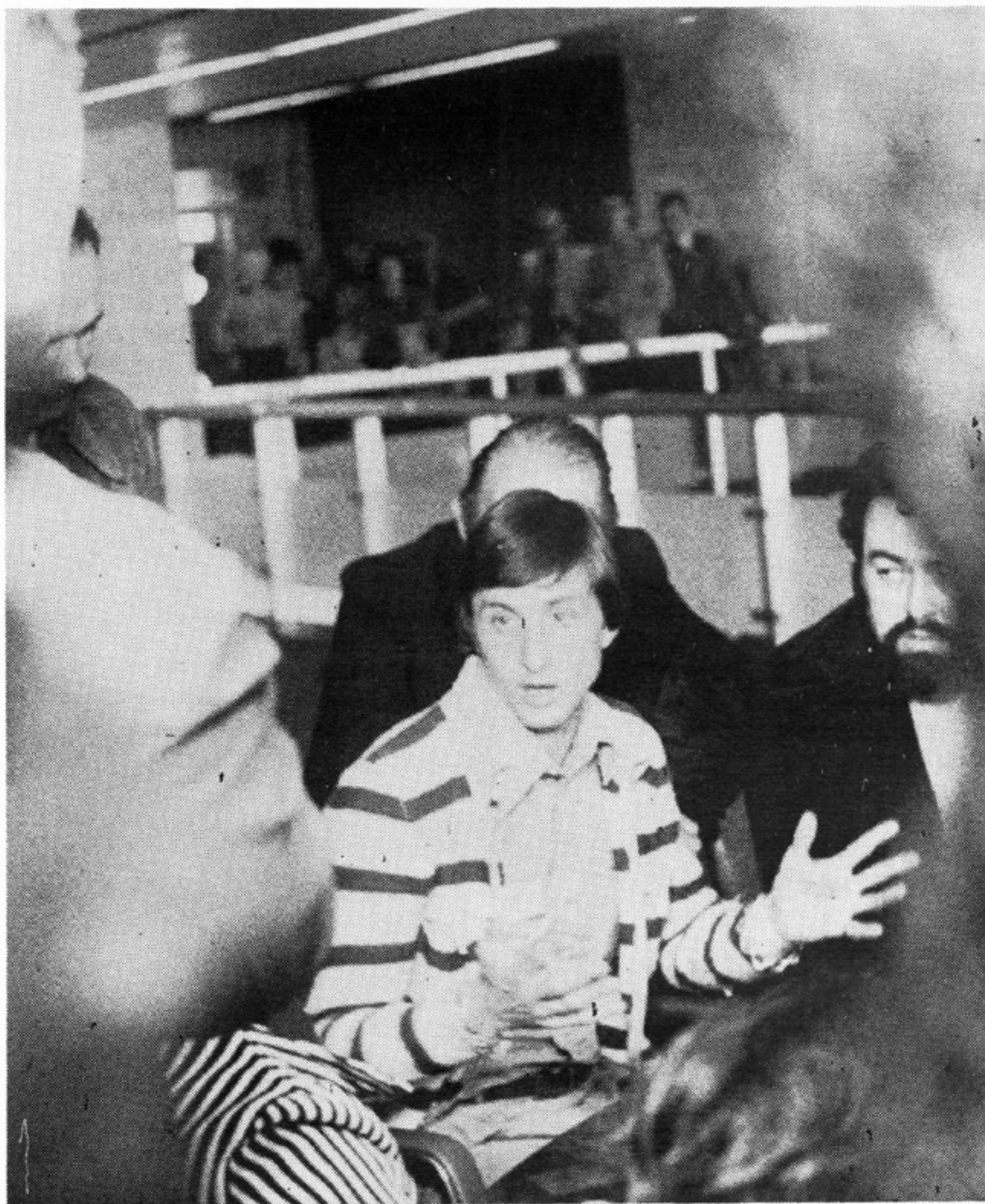
ARILHEIROS

1966 — Eusébio de Portugal	9 gols
1970 — Muller da Alemanha Ocidental	11 gols
1974 — Lato da Polônia	7 gols

Em 1962 não houve um artilheiro destacado. Garrincha, Jerkovic da Iugoslávia, Ivanov da Rússia, Albert da Hungria e Leonel Sanches do Chile marcaram quatro gols.

Um craque internacional

Cruyff, sonho de todas as torcidas



**Sempre uma
atração, onde quer
que esteja**

Quem não gostaria, de pelo menos durante uma temporada, contar com o futebol soberbo de um craque como Johan Cruyff, o monstro sagrado da seleção holandesa? É óbvio que todos os clubes, do Brasil ou de outras partes do mundo, estariam dispostos a gastar milhões, para poderem contar com este super-craque em seu time. No mínimo seria a garantia de um título de muitos milhões de cruzeiros em caixa. Este jogador, que o mundo aplaudiu de

pé na última Copa do Mundo, nega-se atualmente a disputar o Mundial da Argentina, chegando inclusive a soltar uma frase que irritou muitos de seus patrícios:

"A única coisa que poderia me fazer disputar a Copa da Argentina, seria um pedido da Rainha Juliana. Isso me faria mudar de idéia mas sei que ela não me pediria uma coisa dessas".

Infância pobre

Nascido em 25 de abril de

1947, — justamente na época em que Alfredo Di Stéfano iniciava sua triunfal trajetória no time do River da Argentina — a infância de Johan Cruyff foi num bairro pobre de Amsterdam. Ali seu pai tinha um pequeno negócio de frutas e verduras no qual trabalhavam Johan e seu irmão Henry.

Quando tinha treze anos seu pai faleceu. E para que a família pudesse subsistir, conseguiu que o Ajax colocasse a cantina do clube a cargo de sua mãe.

Johan se havia inscrito nas equipes juvenis de futebol do Ajax, com a idade de oito anos e, na temporada de 1964/65, já estava jogando na categoria principal.

Tinha só dezenove anos e, nessa altura, o convocaram para integrar a seleção holandesa. Seu debut internacional foi sensivelmente desastroso: o expulsaram por aplicar um soco no árbitro alemão Rudi Glockner. Seu insipiente talento de jogador corria paralelamente com sua instabilidade emocional. . .

Dez anos depois

Mas essa má recordação ficou para trás. Dez anos mais tarde, como capitão e condutor da Holanda no último mundial, fez brilhar o fogo laranja de suas camisas e do seu futebol revolucionário. Com um Cruyff que dirigia os outros Cruyffs (pelo menos na intenção e mentalidade), a Holanda encheu os olhos do mundo futebolístico. E no final, em que pese a derrota, ficou comprovada a importância de Cruyff para a sua equipe e para o adversário.

Helmut Schoen, técnico alemão, destinou o implacável Bertie Vogts para segui-lo por todo o terreno e barrá-lo, sabendo que, dessa forma, liquidava com a Holanda, seu guia e sua inspiração. Bastou unicamente uma genialidade do craque holandês para colocar a perder o plano anti-Cruyff, tão cuidadosamente preparado pelos alemães. Velocidade — e se foi entre Vogts e Hoeness, obrigando a penalidade. E nesse primeiro minuto de jogo, a Holanda se sentiu dona da coroa mundial.

Finalmente, se impôs a potência do time capitaneado por Franz Beckenbauer. Mas a Holanda e Cruyff caíram como uma das grandes lições desta Copa do Mundo. Casado com uma famosa modelo (Danny Coster), filha de um multi-milionário holandês, comerciante em jóias (Doc

Um craque internacional



**Cruyff,
o super-craque
multimilionário**

Coster), que negociou seu passe com o Barcelona, e que administra seus interesses particulares, tem três filhos: duas meninas (Chantal — 5 anos e Susi — 4 anos e um menino — Jorge com 2 anos).

Triunfador no futebol e na vida, superou seu passado de pobreza com um presente de opulência, ganhando como superdotado futebolista, e fazendo publicidade por cifras milionárias.

Uma equipe imbatível

Já se passam mais de dez anos. A final da Taça dos Clubes Campeões de 69, jogada em Madrid, colocou em órbita

mundial a equipe holandesa do Ajax. Surgia, no primeiro plano do futebol internacional, a figura esguia, fibrosa e elétrica de um ruivo nórdico de fino perfil que se chamava Johan Cruyff.

Era o centro avanço do Ajax, equipe que havia ganhado o campeonato da Holanda, durante três temporadas consecutivas: 65, 66 e 67. Um atacante no bom estilo de Di Stefano, cuja zona de influência ia de um gol ao outro e de uma lateral à outra. Quando tinha apenas dezesseis anos, se encontrou no Ajax com um técnico chamado Rinus Michels, que também havia sido centro

avante do mesmo time vários anos antes. E esse encontro foi a pedra basilar para a edificação do poderio do Ajax e mais tarde da seleção holandesa. Rinus encontrou em Cruyff, escondido atrás de um físico débil, o temperamento apaixonado de comando que todo o técnico sonha para comandar o seu time. Ajax, Rinus, Cruyff perderam a final de 69 contra o experimentado Milan, porque na equipe holandesa sobrava a juventude mas faltava a experiência. Mas dois anos mais tarde, Ajax era o campeão da Europa, depois de vencer na final o Panathinaikos da Grécia. E em 1972, repetiu sua disputa derrotando desta vez na luta decisiva, o

Um craque internacional

Internazionale de Milão.
Cruyff marcou dois gols nessa final.

Três vezes o melhor

Cruyff já era melhor jogador da Europa segundo a crítica especializada. Em sua infância de menino pobre, Johan Cruyff havia sonhado em seguir os passos de seu maior ídolo: Alfredo Di Stefano. E estava disposto a atingir este objetivo, pois já era o astro de sua equipe, uma equipe várias vezes campeã. Havia conquistado duas vezes a Copa da Europa e o tinham consagrado o jogador do ano, em 71, distinção que se repetiria duas vezes mais — 73 e 74, para bater o recorde do próprio Di Stefano. Em 72, alcançou outra consagração: a Copa Intercontinental com o Ajax, depois de enfrentar em duas finais, na Argentina e na Holanda, o Independiente, campeão da América.

Cruyff na Espanha

Johan Cruyff já tem quatro anos no futebol espanhol. Um levantamento feito por uma revista espanhola "Don Balon", calcula que desde o momento em que ingressou no futebol de "nuestros Hermanos", o holandês vem custando ao FC Barcelona, 213 milhões de pesetas. Mais de três milhões de dólares.

Dessa soma, um milhão, oitocentos mil dólares, foram para o jogador. Calcula-se além disso, que quando completar cinco anos na Espanha, Cruyff terá custado ao Barcelona três milhões e oitocentos e cinquenta e oito mil dólares.

Entre 1973 e março deste ano, o astro holandês jogou 132 partidas contando-se jogos pela Liga Espanhola, Copa da Europa e Copa UEFA.

A temporada de 76 foi a mais ativa com 89 apresentações.

Dividindo os 3.125.000 dólares pelo Barcelona, pelas 132 partidas, surge o resultado: Cruyff custou ao seu clube 23.672 dólares.

Cruyff marcou quarenta e sete gols, o que pelo cálculo aritmético dá 66.483 dólares por gol. É claro que esse cálculo não entra em conta com outros fatores de rendimentos, tais como as chances que ofereceu a seus companheiros para marcar, as genialidades que criou para oferecer ao público, e as partidas em que foi peça importante para a vitória do Barcelona. Por tudo isso, na Espanha se divulga a famosa frase, nascida em Catalunha: "não diga futebol, diga Cruyff".

E fazendo outro jogo de palavras, um jornalista define as grandes tardes de sua equipe dizendo que: o Barcelona



Autógrafos,
uma rotina
na vida
de um ídolo
mundial

é mais Cruyff de futebol que nunca". Longe do seu começo espetacular, que permitiu ao Barcelona sair de perdedor de um campeonato (que há muitos anos não ganhava), teve em 75 e 76 uma temporada muito fraca. Marcou apenas seis gols em vinte e nove teve sérios problemas mas com o técnico alemão Weisweiler, que o reprovava por jogar demasiado longe de área adversária. Mas, com a volta do seu amigo Rinus Michels o homem que o levou

ao time do Ajax, recuperou sua estatura de grande jogador, marcando dezesseis gols em vinte e nove jogos, cifra muito apreciável no duríssimo e disputado campeonato espanhol. Cruyff é assim. Ontem um pobre garoto de bairro de Amsterdam. Hoje um rico futebolista, que junta seus últimos milhões, antes de pendurar em definitivo suas chuteiras. De qualquer forma, um dos maiores craques que o mundo que já viu.

Curiosidade

Copa Brasil tem 74 jogos a mais em 77

Devido ao apertado calendário do futebol brasileiro às vésperas da disputa de mais uma Copa do Mundo, um dos argumentos mais usados pelos que combatiam o aumento do número de participantes do Campeonato Brasileiro de 77, foi o de que a competição seria muito prejudicada com o acréscimo de jogos.

Ocorre, no entanto, que apesar da inclusão de mais sete clubes, a CBD conseguiu elaborar um sistema que permitirá a disputa da Copa Brasil dentro do período previsto — 15 de outubro (quando começou) de 77 a 5 de fevereiro de 78. Isto, mesmo levando-se em consideração de mais setenta e quatro jogos em relação ao ano passado: 485 na Copa Brasil 77 contra 411 na de 76.

Como no ano anterior, o Campeonato Brasileiro deste ano está sendo disputado em três fases: preliminar, semifinal e final. Esta última, que começará em fim de janeiro de 78, contará com vinte e quatro clubes, ao invés de dezoito, como ocorreu no

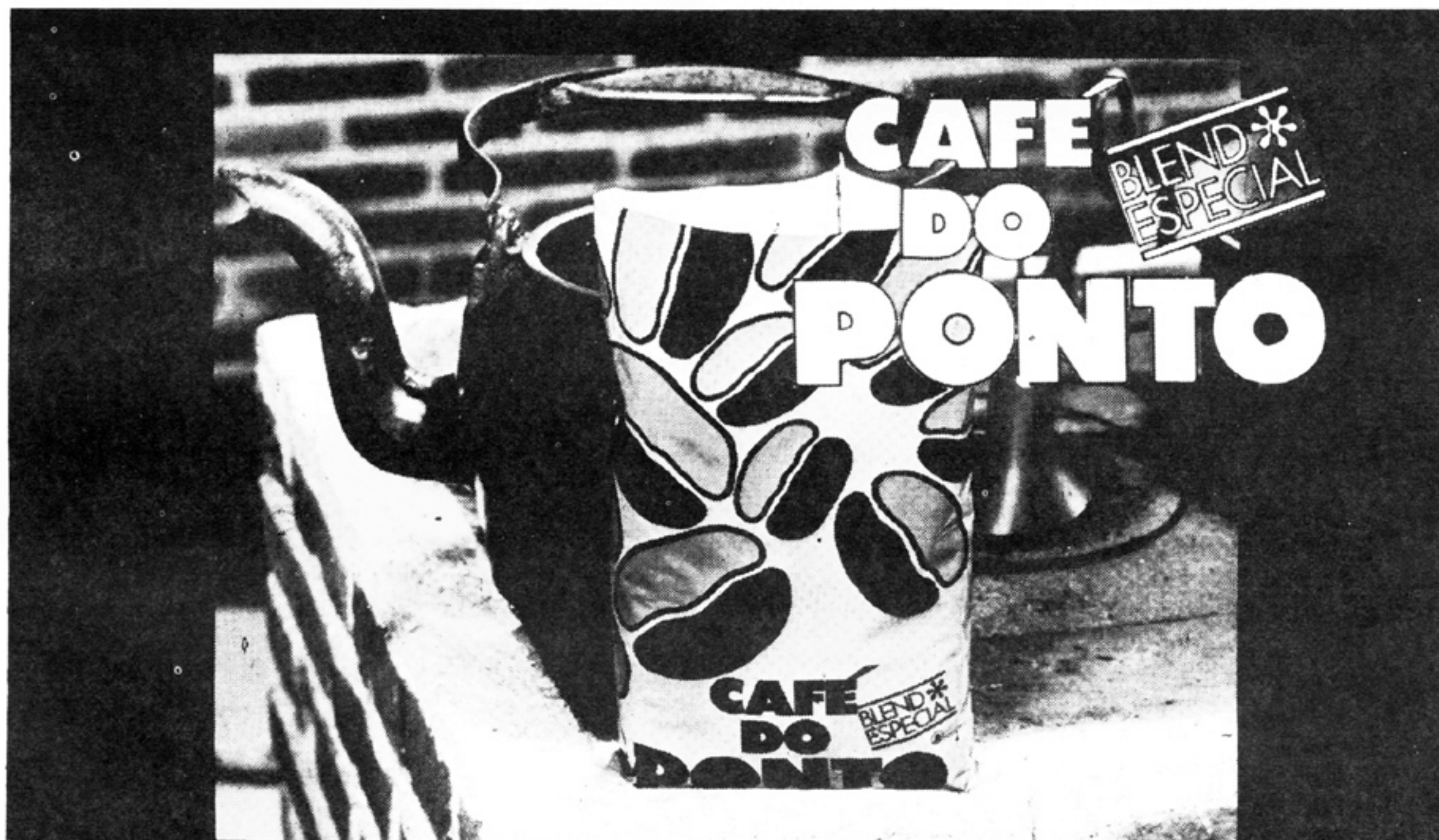
ano passado. Desta forma, pelo menos mais seis clubes terão atividade permanente no início da temporada 78.

Comparação

Numa comparação entre a Copa Brasil 76 e a deste ano, a diferença por fases, não é das maiores, segundo se pode observar pelo que apresentamos abaixo.

Fase preliminar: em 76 — de 28 de agosto a 3 de outubro, com 54 clubes divididos em 6 grupos de 9. Os jogos foram realizados dentro de cada grupo em um único turno. Em 77 — de 15 de outubro a 27 de novembro — com 62 clubes divididos em quatro grupos de dez e dois de onze. Também foi disputada em apenas um turno, com jogos dentro de cada grupo.

Fase semifinal — 76 — de 9 de outubro a 24 de outubro — com 24 clubes no torneio de vencedores



**O CAFÉ DO PONTO TRAZ DE VOLTA
O GOSTINHO DO CAFÉ DA FAZENDA**

Curiosidade



Mais
jogos na
Copa Brasil 77

(os quatro melhores de cada grupo da fase preliminar) divididos em quatro grupos de seis. No Torneio dos Perdedores ficaram os cinco últimos colocados em cada grupo da fase preliminar, dando um total de trinta, então divididos em seis grupos de cinco. Em 77 — de 30 de novembro a 18 de dezembro — com o torneio dos vencedores sendo disputado pelos cinco primeiros colocados de cada grupo da fase preliminar, num total de trinta, divididos em seis grupos de cinco. Os outros trinta e dois clubes disputaram o Torneio dos Perdedores, em quatro grupos de cinco e dois de seis.

Fase final

Primeiro turno: em 76 — de 27 de outubro a 28 de novembro — classificaram-se para esta fase dezoito clubes: os três primeiros colocados de cada grupo do torneio de vencedores e mais o campeão de cada um dos grupos do torneio dos perdedores. Estes dezoito clubes foram divididos em dois grupos de nove com jogos dentro de cada grupo.

Em 77 — de 21 de janeiro a 16 de fevereiro de 78 — estão classificados os três primeiros colocados de cada grupo do torneio dos vencedores, e mais

o campeão de cada grupo do Torneio de perdedores, dando um total de vinte e quatro clubes, que foram distribuídos em quatro grupos de seis, com jogos dentro de cada chave.

Fase final — segundo turno: em 76 — de 5 de dezembro a 12 de dezembro — com os dois melhores de cada grupo do primeiro turno, num total de quatro clubes. Houve dois jogos eliminatórios, com os vencedores disputando a final, no dia 12 de dezembro.

Em 77 — de 19 de fevereiro de 78 a 26 de fevereiro — estarão garantidos os campeões de cada grupo do primeiro turno, num total de quatro. Eles disputarão turno e retorno, nos dias 19 e 22 de fevereiro, e os dois classificados disputarão o título em um único jogo, no dia 26.

Total de jogos: em 76 — fase preliminar — 216. Em 77 — 29.

Em 76 — fase semifinal — 120. Em 77 — 130.

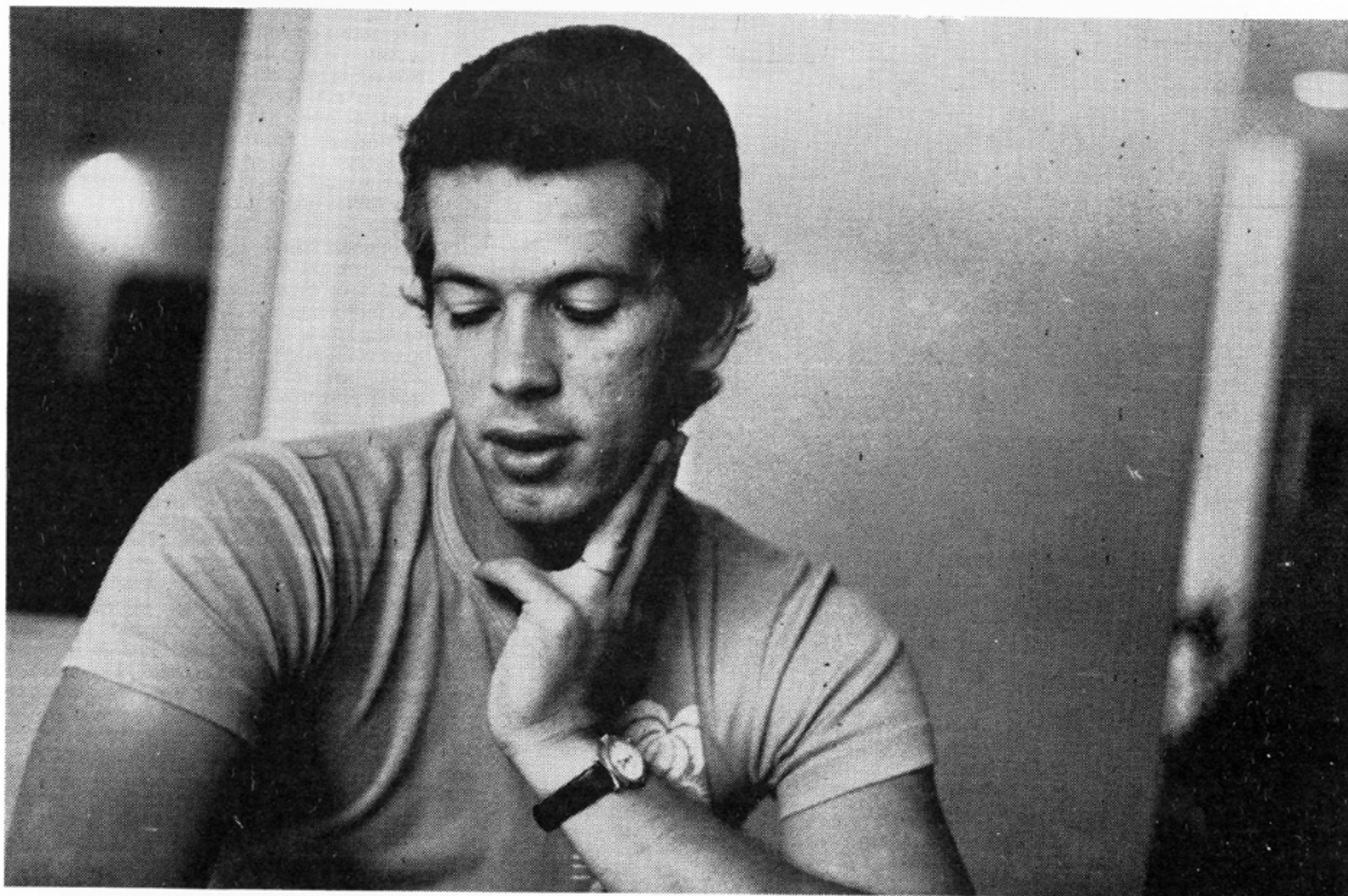
Em 76 — fase final — 19 t — 72. Em 77 — 60.

Em 76 — fase final 29 t — 3. Em 77 — 5.

Total em 76 — 411 jogos. Total em 77 — 485 jogos. Diferença do ano passado para este ano: 74 jogos a mais em 77.

Um ídolo de todos

O ministro dos craques



Em 1.965, em São José dos Campos, quando aquele Leãozinho esperto começou a fazer defesas impossíveis no gol do EC São José, mal o futebol sabia que estava "fabricando" o futuro Ministro de Relações Futebolísticas. Era Emerson Leão, jogador impetuoso, que não se conformava em perder o lugar para Galo, um dos maiores goleiros da cidade que pouco tempo depois caiu no esquecimento; e muito menos para Sérgio, aquele que passou pelo Corinthians, mas que tornou-se famoso no São Paulo. Em 1.968, Leão já estava formado como um bom goleiro. Tinha passado pelas mãos de Diede Lameiro e só pensava em buscar um futuro melhor. Muito azar: o São José, que o descobriu para o futebol, entrou em recesso e todos os jogadores ganharam passe livre. O que fez este homem que queria abraçar a fama mundial, transformar-se num dos maiores goleiros da história do futebol brasileiro, com a camisa da seleção? — Eu tinha sido juvenil do Comercial de Ribeirão Preto e não pensei duas vezes. Meu pai já havia transferido seus negócios para Ribeirão e então voltei para lá. Foi muito bom. Mas pensava muito no meu futuro e não entendia o porque do recesso do São José. Eu e todos os outros jogadores do time ganhamos passe livre e tínhamos que tentar a sorte em outro lugar. Voltei para Ribeirão Preto, onde já estavam meus pais.

CUSTOU 15 MIL

Como sempre foi um homem de fazer grandes negócios, Emerson Leão vendeu o seu passe por um bom preço, na ocasião. Afinal de contas, ainda não era tão famoso: 15 mil cruzeiros. Pronto. Ele estava disposto a recomeçar no gol.

— Para mim foi um bom negócio. Além dos 15 mil cruzeiros, fui ganhar 700 cruzeiros por mês. No EC São José eu ganhava 200 cruzeiros mensalmente, agora bichos por vitórias e empates. Por não ser um jovem que

se preocupava apenas com o futebol, no Comercial de Ribeirão Preto, Leão atravessou a fase mais difícil, mais dura de toda a sua carreira.

— Eu fazia o Tiro de Guerra no período da manhã, treinava à tarde e estudava à noite. Foi um período muito difícil na minha carreira de profissional. Foi um ano duro, sinceramente. Nem com todo este esforço, Leão era o titular do Comercial. Ele só o foi quando Valdemar Carabina pintou na sua vida.

— Um belo dia, o Valdemar Carabina, que já era treinador, colocou-me no gol. Entrei e fiquei.

Para mim foi uma felicidade muito grande. Ele me deu uma grande força e dali por diante foi só tocar o barco.

CONTRA-PESO

Leão correspondeu à expectativa. Fêz grandes partidas pelo Comercial de Ribeirão Preto. Foi tão bem que, um dia, o sr. Agartino Gomes, oposição do Vasco da Gama, em 69, resolveu levá-lo para São Januário, no Rio de Janeiro. — Aceitei o convite. O sr. Agartino Gomes era oposição e me levou, mas lá no Vasco da

Um ídolo de todos



*Entre suas grandes vitórias
Leão destaca a de presidente do Sindicato
dos Atletas Profissionais
onde conseguiu um bom entrosamento
inclusive um perfeito atendimento jurídico
aos menos esclarecidos*

Gama fiquei 14 dias. Neste espaço de tempo não tive chance. Não entrei em nenhum coletivo e quando completei o 15º dia, peguei um ônibus e voltei para Ribeirão Preto. Foi em fevereiro de 69. Pintou o Palmeiras na vida de Leão. Foi tudo muito rápido. O Palmeiras tinha poucos dias para fazer a inscrição dos jogadores que disputaram o Paulistão daquele ano e o negócio foi fechado às pressas. Emerson

Leão veio como contra-peso. — O Palmeiras comprou o passe do Zé Carlos, meio campista, por 80 mil cruzeiros e o Valdemar Carabina indicou meu nome. Vim junto com ele e o preço do meu passe foi fixado em 120 mil cruzeiros. Passei na experiência de 90 dias e logo depois fui comprado em definitivo. O goleiro do Palmeiras, na época, era o Chicão, mas depois de 15 dias ganhei o lugar.

HOJE, COMPETIÇÃO

No Palmeiras, Leão atravessou muitas fases. Apesar de ter 28 anos de idade, é um dos jogadores mais velhos do elenco e jogou naquela famosa academia. Hoje, ele vê o futebol como um esporte completamente diferente e o analisa assim:

— Antes, o tipo de esquema era diferente. Nosso time era chamado de academia do futebol brasileiro. Jogava só no toque de bola. As coisas mudaram muito. Hoje, o Palmeiras é um time que compete de acordo com a necessidade. O elenco de hoje é tão bom quanto o daquele dos velhos tempos, Leão?

— São Todos bons jogadores. Tanto quanto os daquele tempo. E naquela época havia uma vantagem enorme: o time jogava junto de 5 a 6 anos. Esse time do Palmeiras, de agora, não tem 5 meses de formação. O futebol da atualidade mudou muito, sabe? É mais competição. É mais difícil, mais cansativo. É, também, mais compensador. É por isto que hoje se joga com elementos versáteis, que têm condições de combatividade.

— Essa combatividade é tão intensa que as estrelas sentem dificuldades em jogar. Essas poucas estrelas como Zico e Leão têm que renunciar ao futebol bonito para serem úteis à equipe.

O PRESIDENTE

Foi deste futebol cheio de mumunhas, diferente daquele futebol-show do passado, que Leão começou a transformar sua vida. Houve um interesse muito grande em colaborar com a arte dos seus companheiros e, por esta razão, de tesoureiro do Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado de São Paulo foi conduzido a presidente da entidade, por Olegário Toloi de Oliveira, o Dudu, seu ex-companheiro de equipe no Palmeiras.

— De fato sou tesoureiro. Na gestão do Dudu fui convidado para ocupar este cargo e aceitei. Hoje sou presidente interino, mas já tenho minha chapa formada para as próximas eleições. Esta chapa é a seguinte:

Emerson Leão (para presidente).
Bernardino (para secretário).
Palhinha (para tesoureiro).

Mas, nesta chapa, para o Conselho Diretivo serão aproveitados importantes jogadores — segundo Leão — como Ivo, Marinho Perez, Oscar, Moisés, Edson (Paulista de Jundiaí), Zenon, Mendes, Mineiro, Sócrates, Vanderlei, Pitanga, Luis Poiani, Bezerra e muito outros jogadores da Capital e do Interior.

MESMA CARTILHA

O objetivo de Leão é formar um trio de ferro à testa do Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado de São Paulo, pois hoje, os grandes cobrões da bola estão se interessando muito pela entidade. Leão é um presidente que vive e conversa muito com todos os jogadores, de um modo geral.

— Quero formar o trio de ferro, porque quem estiver no poder comanda, de acordo com os estatutos do Sindicato, da mesma maneira como vinha sendo dirigido por Dudu (presidente), Lance (secretário) e eu (tesoureiro).

— Na minha chapa tem gente com a mesma capacidade de substituir o presidente quando ele não estiver. Quero que o Bernardino e o Palhinha rezem a mesma cartilha em preservação aos direitos dos atletas profissionais. Dentro desta intransigência de Leão, os jogadores profissionais já alcançaram grandes vitórias. É por isso que a sala de Emerson Leão, no prédio da Federação Paulista

Um ídolo de todos

de Futebol, está sempre funcionando e é freqüentada por jogadores de diversos clubes do futebol paulista. E para cada problema, o presidente Leão tem uma solução, sempre com o dedo do advogado José Geraldo Goes em primeiro plano.

GRANDES VITÓRIAS

Como presidente do Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado de São Paulo, quais as grandes vitórias que Emerson Leão conseguiu até hoje?

— Consegui que o Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado de São Paulo seja uma instituição adequada para o atendimento geral dos atletas profissionais. Mais que isto, o atendimento jurídico que tantos os jogadores necessitavam em vista do acúmulo de causas ganhas, o que é notório em todos os Sindicatos de classes. Isto graças ao brilhante advogado José Geraldo de Goes.

— Conseguiu, como grande vitória, a regulamentação definitiva da profissão, através do que pleiteamos e conseguimos, com o 13º salário, fundo de garantia e direitos de arena.

— No próximo ano, o Sindicato dos Atletas Profissionais será mais ativo ainda, preservando e orientando (o que já fizemos) todos os atletas profissionais, pois todos precisam entender que isto é uma necessidade. Hoje em dia, já há uma conscientização neste sentido. Os jogadores já sabem estabelecer uma diferença do **boleiro** de antes com o atleta profissional de hoje. Aliás, é uma obrigação cada um saber dos seus direitos e da sua obrigação, tudo isto regulamentado por lei.

QUE FELICIDADE

Como presidente do Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado de São Paulo, além de sentir-se um homem orgulhoso por tudo o que vem fazendo, Emerson Leão recebe muitas visitas e acha que sua entidade de classe é muito importante, ao ponto de terem sido fundados outros órgãos paralelos a ele.

— É o caso da AGAP, que vem sendo usada como primeiro veículo de contato de nomes que culminam fazendo consultas — caso de Maluli Neto — que já pretende regularizar nossa aposentadoria.

— Para mim é motivo de muita satisfação tudo isto o que vem acontecendo. Todos estes movimentos são originados na época em que sou militante do Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado de São Paulo e no futuro terei muita coisa boa para recordar. Não foi inspirado pelo sucesso que tem como presidente do Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado de São Paulo que Leão já pensa em se tornar candidato a Deputado Federal, futuramente. Aliás um assunto que ele não acha oportuno discutir no momento, pois tudo não passa de planos para o amanhã. Mas, a oportunidade, para Leão, é excelente, pois assim tira dúvidas quanto ao problema de ser corintiano ou não.

"SOU PALMEIRENSE"

— O fato de ser presidente do Sindicato dos Atletas Profissionais do Estado de São Paulo e agora pensar em candidatar-me a Deputado Federal, não tem nada a ver uma coisa com a outra. Mas, neste sentido, posso adiantar que a receptividade tem sido excelente, pois existe a necessidade de fazer alguma coisa nestes conceitos.

Quando Emerson Leão alardeou que no futuro pode se tornar um político, as especulações foram muitas. Chegou-se, inclusive, a dizer que os votos dos corintianos o levariam a uma cadeira da política com muita facilidade. E mais;

disseram que Leão havia virado a bandeira que havia se tornado um corintiano. Não é verdade.

— Não gosto de discutir este assunto, porque não sou candidato. E também não falei que seria eleito com votos corintianos. Não sou corintiano. Sou palmeirense. Sou neto de italianos. Mas antes de ser palmeirense, sou o Leão, e antes de ser profissional, já era torcedor do Palmeiras.

— Também não vejo razão nenhuma para corintiano deixar de votar no Deputado Federal Leão. Afinal de contas, não foi vetado o direito de nenhum corintiano em que ele ache por bem, não é verdade? Então, está bem explicado.

DIVORCISTA

Como um homem casado, Leão é a favor do divórcio para quem tem necessidade, pois acha que não deixa de ser uma forma acertada para as pessoas que vivem de uma forma inadmissível.

— Mas, antes do divórcio é necessário pensar em mil coisas. Essa minoria que necessitará do divórcio precisa pensar em vários campos, pois é a morte de um caminho longo de se percorrer. E vocês podem notar. O divórcio chega na era em que mais existem casamentos. A análise que tenho para esclarecer isto é o meu círculo de amizade. Quando passa a falar sobre o divórcio, Leão, como um bom analista, elogia o trabalho e esforço do dr. Nelson Carneiro, que ocupou todo o seu tempo de profissão para alcançar um só objetivo.

— Ele (dr. Nelson Carneiro) conseguiu dar o primeiro passo para o futuro, mas tudo

ainda depende de uma série de emendas. O divórcio no Brasil ainda pode ser deficiente, mas toda lei criada, com muita luta, não se consegue com perfeição. Em pouco tempo, isto será possível. Trata-se de uma lei muito delicada, mas que brevemente, com as emendas que serão feitas, entrará em vigor. É uma necessidade, para a minoria, repito.

ENFIM, EVANI

Como todo cidadão que pensa no futuro, um dia Leão se decidiu pelo casamento. Escolheu justamente uma moça que não era ligada ao futebol, mas que o acompanha desde os tempos de menino: a psicóloga Evani. No dia 15 de dezembro, Leão casou-se depois de 7 anos de namoro. Foi para ter uma vida como deve ter um grande atleta, com algumas alterações.

A única alteração que teve foi na parte pessoal. Sempre soube preservar bem o conceito familiar, porque sou de uma família onde existe uma união monstruosa. Tenho mais 2 irmãos e sempre nos demos muito bem.

Não houve maiores problemas no meu casamento, porque namorei minha esposa durante 7 anos. Crescemos juntos. Ela era estudante, fazia faculdade, eu jogava futebol. Sempre procuramos coordenar nossos encontros da maneira certa e suprir a ausência na presença.

— O casamento me ajudou muito em relação àquilo que busco. Fêz-me um novo profissional, porque tive que redobrar as forças. Em termos legais eu estava sozinho, agora não. Além do mais, sobrou tempo para até observar algumas coisas. O diálogo é sempre uma norma, daí a razão para discutir todos os problemas com minha esposa. Assim finalizou Leão, o "ministro" dos futebolistas.



FBA

FABRICA BRASILEIRA DE ADESIVOS

FITAS ADESIVAS

Trasparentes Crepe Embalagem

ADESIVOS INDUSTRIAIS

Carpetes Fórmica Madeiras

COLA DE CONTATO

F.B.A. Fábrica Brasileira de Adesivos Ltda.
Via Regis Bittencourt, km 24
Fone: 4922126 — São Paulo



DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2023



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ